

IRINA, SUZDAL E A RÚSSIA SUPER RELIGIOSA

A saída de Moscou foi providencial para conhecer um pouco mais da Rússia, embora não tenhamos nos afastado da capital mais do que 250 km, pela rodovia que segue na direção nordeste.

É possível observar que há muitos bosques e à medida que nos aproximamos ou nos afastamos das cidades vemos *datchas* que se perfilam ao longo dos caminhos rodoviários ou ferroviários. O estilo das pequenas ou médias casas de campo fica muito evidente, bem como a madeira como o principal material construtivo.

A vegetação que predomina é a de coníferas, compondo grandes extensões de flora pouco diversificada, como é normal em climas temperados e frios, mas muito densa, tendo em vista a idade da cobertura arbórea, que se depreende pela altura das árvores. Como os bosques são áreas de terras públicas, pelo que nos é informado, são muito utilizados para o recreio de russos nos finais de semana, sobretudo durante o verão, quando procuram sair das cidades, por causa do calor que, para eles, é intenso. Para nós, as temperaturas não chegam a estar altas. As máximas têm variado entre 25 e 30 graus, mas o dia tão longo é o que nos cansa e faz parecer que o calor é grande, visto que tem escurecido por volta de 22h30.

Trinta ou quarenta quilômetros antes de chegarmos a Suzdal, passamos por Vladimir uma cidade industrial importante. É mais antiga que Moscou e fundada no século XI. Foi capital do Principado de Vladimir. Suas terras rurais "negras" já eram, então, famosas pela fertilidade.

No século XIII, chegaram as tropas mongóis de Gengis Khan que dominaram amplos territórios e submeteram os "russos", então comandados pelo poder político instalado em Kiev, que atualmente não é mais uma cidade russa, visto que está em território ucraniano e é a capital deste país, que se tornou independente, após o fim da URSS.

A necessidade de pagar tributos aos mongóis ampliou a capacidade de produção, tanto como levou ao afugentamento dos russos mais ao norte e, por consequência, à necessidade de adaptação deles ao desenvolvimento da agricultura em terras mais frias ainda, o que foi compensado pela maior fertilidade dessa região.

Hoje a paisagem urbana de Vladimir revela seu desenvolvimento econômico: há muitos edifícios habitacionais, nas áreas de expansão recente, bem como indústrias de grande porte, implantadas desde o período soviético. Destacam-se os ramos metal-mecânico, químico e alimentício. A cidade tem mais de 300 mil habitantes.

Helena toca num ponto muito interessante. Embora a maior parte da Rússia, em termos populacionais, esteja na Europa, isso não é bem aceito pelos europeus, o que, por sua vez, segundo ela, deixa os russos “diminuídos”. Em grande parte, isso é explicado pelos historiadores, como resultado deste afastamento espacial que os russos tiveram que efetuar, durante o período de domínio tártaro, o que os “separou” do restante da Europa e, até mesmo, dos outros povos eslavos deste continente, ou seja, à medida que mongóis tártaros avançavam sobre o território, antes dominado pelos eslavos russos, estes recuavam na direção nordeste e tinham seus vínculos comerciais e culturais com a Europa bastante reduzidos.

Helena não comenta, mas para mim parece evidente que o período socialista foi, também, responsável por esse afastamento entre Rússia e Europa, porque a impressão é que os europeus aos quais ela se refere como não reconhecedores da condição européia da Rússia não são os do Oriente – Polônia, República Tcheca, Eslovênia, Hungria etc –, mas sim os dos países da Europa Ocidental.

Essa região que estamos hoje cruzando é a de origem das famosas bonecas russas que se encaixam – as *matriosckas* (não sei bem se é assim que se escreve) – que são produzidas desde as mais simples, compostas por três bonecas, até as maiores e mais sofisticadas que podem chegar a compor conjuntos de 10 ou 12 bonequinhas. Este principal “suvenir” russo é inspirado em ovos de madeira que

também se encaixam, trazidos do Japão nos finais do século XIX. Os russos reproduziram a idéia japonesa, na forma de bonequinhas, que tiveram grande sucesso na Exposição Internacional de Paris, o que estimulou a continuidade de produção deste “enfeite” e Suzdal tornou-se o centro desta atividade.

Ao chegarmos nesta cidade, conhecemos Irina, a guia local responsável por nossa programação na região. À medida que se aproximava, pelo seu porte, corte de cabelo, tipo de corpo, ela logo nos lembrou nossa amiga Thereza Marini. Foi suficiente ficar com ela 10 minutos para perceber que uma não tem nada a ver com a outra.

Irina é uma senhora que julgávamos que tivesse mais de 70 anos, mas soubemos depois que tem 55. Ela tem uma forma de se vestir que a torna muito mais velha. Tudo nela tem um ar antigo e olha para o passado. Suas explicações sobre Suzdal refletem esse espírito que tem todo um jeito rurícola, muito presente no seu modo de andar, no seu pulso largo, nas suas mãos e pés grandes. Apesar de trabalhar com turistas, ela passa a impressão de que não é muito capaz de sair de seu próprio mundo – as pequenas cidades nas quais é guia e a religiosidade que ela associa a esses núcleos de vida urbana.

Suas explicações são não apenas simplórias, como apoiadas em lendas e efetivamente parciais. Não chego à conclusão se são parciais, apenas, porque são religiosas e simplórias, ou, se o fato de ela falar muito mal o espanhol dificulta demasiadamente a comunicação e a apreensão de seu conteúdo. A cada ponto do roteiro estabelecido, ela desanda a emitir seu pequeno discurso já preparado, com algumas informações, como se fosse um ditado decorado. Assim que acabava de proferi-lo, meio perguntava, meio concluía: “Bem, se não há perguntas, podemos nos ir.”

Com um grupo como o nosso – quatro professores universitários – inquiridores por princípio e mal informados o suficiente para ter dificuldades de contextualizar muitas das suas explicações, sempre havia questões, às quais ela não sabia

responder, ou porque não entendia o que perguntávamos ou porque sua visão de mundo é mesmo muito elementar.

Ela é uma verdadeira cristã ortodoxa. Não apenas descreve os conventos e museus que conhecemos, como conta toda a história do Império Russo, por meio das relações, efetivas ou supostas, entre os czares, os príncipes, os conventos e as catedrais.

Sabemos as estreitas relações entre o poder político e o religioso em formas de organização social feudais ou semifeudais, mas foi demais! Chegamos exaustos ao final do dia, tanto pelo calor, como pelas suas falas repetitivas. Tomamos uma overdose de explicações sobre os ícones, os conventos e as razões das posições dos santos e demais figuras nos painéis principais das igrejas ortodoxas.

Começamos nossa expedição religiosa por Sérguiev Possad, que é a sede de um mosteiro que foi fundado por Sérgio, elevado a santo após sua morte. Este é o maior centro de peregrinação da Igreja Ortodoxa Russa. É um espaço composto por cinco ou seis templos. Aos maiores os russos chamam de catedrais, aos menores de igrejas. Esse complexo foi edificado entre os séculos XV e XIX e vários dos painéis que estão nas edificações são compostos por ícones que têm alguns séculos.

Os cristão ortodoxos não representam Jesus, Maria e os santos na forma de esculturas como os católicos, o que seria uma afronta, segundo Irina, porque não é possível imitar os santos em três dimensões. Fazem-no, apenas em pinturas, que são efetuadas tradicionalmente sobre madeira. As paredes principais das catedrais e igrejas são cobertas por estas pinturas, umas colocadas ao lado da outro como fileiras de painéis. Nas catedrais, esse conjunto chega a compor cinco faixas uma sobre a outra.

Os crentes assistem ao que seriam para os católicos, as missas, todos de pé. Somente os muito idosos têm direito de se sentar, em alguns poucos bancos que

estão nas laterais. As mulheres cobrem a cabeça e, se estão de calça comprida, amarram lenços longos na cintura improvisando saias.

O que mais encanta nesses templos são as suas cúpulas que tão bem representam a arquitetura russa tradicional. Sejam douradas, pretas, azuis ou todas coloridas, elas se destacam na paisagem urbana.

Agora visitando esses espaços considerados sagrados por seus crentes, é difícil imaginar como os soviéticos socialistas supuseram que seria possível abolir a espiritualidade deste povo. Há religiosos cruzando os pátios – patriarcas, padres, monjas etc – e muitos peregrinos e “crentes”, como Irina gosta de lhes chamar, entrando e saindo desses ambientes.

Suzdal é um dos centros que compõem o que eles chamam de O Anel de Ouro, composto por cidades do período medieval em que há muitos conventos e catedrais com suas cúpulas douradas. Foi um importante centro comercial e religioso do Principado de Wladimir, um dos territórios russos eslavos, depois dominado pelos tártaros, como já destaquei. Hoje ela tem 12 mil habitantes e não exerce muitos papéis. Esse declínio de Suzdal deu-se a partir da construção das ferrovias na Rússia, porque ela não foi contemplada nos traçados estabelecidos para essas vias, o que gerou seu relativo isolamento comercial no final do século XIX e no decorrer de grande parte do XX.

Agora, a função turística é a principal em Suzdal, papel que já era exercido no período soviético, em função do grande patrimônio arquitetônico aí existente, mas que foi fortalecido em seguida, pela retomada da religiosidade que sucedeu ao domínio socialista. Há um pequeno Kremlin em Suzdal, ou seja, a cidade medieval ainda parcialmente murada, que congregava no passado catedral, convento e palácio do principado. As cúpulas do templo que está no Kremlin são azuis, a cor de Nossa Senhora, enfeitadas com estrelas reluzentemente douradas.

Além destas cúpulas, outras dominam o *skyline* de Suzdal, margeada por um largo rio tributário indireto do Rio Volga, cujo nome não posso escrever, porque não consegui memorizá-lo e porque não tenho, no micro, os caracteres cirílicos.

Muito próximo de uma das curvas do rio, há um museu a céu aberto, composto por várias edificações de madeira, muito bem feitas, sem parafusos ou pregos, ou seja, tudo construído com encaixes perfeitos. São réplicas de casas que estavam na área rural de Suzdal. Num ou noutro caso, são originais: foram desmontadas e montadas novamente neste museu. No pequeno parque, em que se dispõem essas construções, estava havendo uma gincana com crianças entre 7 e 12 anos. A russa que, pelo microfone, coordenava a brincadeira falava tão alto e tão duro que, inicialmente, supusémos que estava brigando com eles.

Aliás, esta foi uma característica que observamos por aqui. Os russos não são mal educados, mas são rígidos na forma de pensar e duros na forma de se relacionar. De um modo geral, para eles, pedra é pedra, pau é pau e não se discute. Toda vez que uma das guias explicava algo e procurávamos nos aproximar com alguma comparação ou correlação, éramos sumariamente interrompidos por um “não”. Para elas, as definições e explicações são absolutas em si. No geral, não se sentem bem com perguntas que não sabem responder ou com explicações que são seguidas por questões ou controvérsias, como se estivessem pouco preparados para admitir que não sabem ou que podem estar errados. Nisso se parecem com os franceses.

Estamos hospedados num hotel spa bastante grande para o tamanho da cidade. Ele está em meio a um jardim todo florido (aqui os jardins remanescem por apenas três meses ao ano, pois no inverno as temperaturas atingem níveis mais baixos que os de Moscou, ou seja, chegam aos quarenta negativos).

Sobre o nosso jantar, num dos quatro restaurantes que compõem este complexo, dava para escrever um conto. Nós, brasileiros, falando em português, Eliseu sendo nosso tradutor para o inglês e eles tentando falar em russo, salpicado com algumas palavras em alemão. É possível imaginar a Babel que se formou? Ao fim,

para que, pelo menos, soubéssemos se íamos pedir carne de carneiro ou de alce, peixe ou pasta, houve a intermediação de alguém que a garçonete chamou ao telefone para falar conosco. Já pensou? Eliseu explicava a esta pessoa nossas dúvidas quanto ao cardápio, repassava o telefone à garçonete que ouvia a tradução para o russo. Esta operação foi feita três vezes até que chegássemos a um entendimento. Mesmo assim, houve surpresas: eu que escolhi um *hot aperitif* e que imaginava que seria um *cocktail* animado, recebi uma taça de vinho fumegante com canela, o que era completamente descabido naquela situação, tanto porque não estávamos numa festa junina como porque, embora fossem 22 horas, o sol estava brilhando na varanda onde jantávamos, piscando para nos fazer lembrar que é verão.

No dia seguinte, já voltando para Moscou, ainda conhecemos Bogolyubovo, uma pequena vila perto de Vladimir onde está uma igreja construída pelo Príncipe Andrés, “o querido de Deus”, codinome repetido por Irina múltiplas vezes. O templo tem uma cúpula elegante e está localizado em meio a um prado extenso. Para chegarmos a ele, passamos por uma pequena passarela, que se ergue sobre a linha férrea Transiberiana. Foi impossível não sonhar com essa viagem até Vladvostok, lembrando das aulas de Geografia dos Transportes e desejando viver os sete dias e sete noites que separam a Rússia européia do extremo deste país na Ásia Oriental.

As surpresas sempre são interessantes para nos fazerem lembrar que o mundo não é tão simples e as pessoas elementares como supomos. Depois de 24 horas observando Irina, tão Suzdal e tão ortodoxa, foi surpreendente, na despedida, ver seus olhos brilharem ao nos desejar boa volta à América, revelando a nós, seu grande desejo: conhecer o México, cuja cultura admira e estuda.

Julho de 2012

Carminha Beltrão